

INTRODUÇÃO

A principal tarefa que se coloca à União dos Estudantes Comunistas é fazer confluir a energia combativa do Movimento Estudantil na larga corrente unitária popular que se desenvolve na sociedade portuguesa favorável à formação de um governo de esquerda e a aplicação de uma política de esquerda assente na maioria PC-PS numericamente já existente na Assembleia da República. Esta maioria política traduzirá a vontade crescentemente expressa das massas populares, na luta política, na acção das empresas, nos campos e nos sindicatos.

A unidade na acção comum de comunistas e socialistas, a divulgação e mobilização das massas para a ideia de transformar a actual maioria PC-PS numa maioria política, em torno de uma plataforma comum e de um governo de esquerda, também passa pelas escolas. O entendimento entre estudantes comunistas e socialistas, entre a UEC e a JS, terá (e já tem tido) repercussões positivas na situação das escolas, particularmente na travagem da ofensiva reaccionária da direita para conquistar Associações, para por em causa a gestão, para rever programas e métodos pedagógicos progressistas. No entanto persistem ainda grandes resistências a esta cooperação contra o inimigo comum, as quais têm as suas raízes no sectarismo e preconceitos anti-comunistas de certos sectores e elementos da JS.

Algumas vitórias da direita (como em Letras, no Porto) são explicáveis por atitudes deste tipo: Apesar das dificuldades ainda existentes, os estudantes comunistas não deixarão de prosseguir firmemente esta batalha pela unidade, compreendendo claramente a sua natureza complexa, difícil mas necessária e vital para o futuro da Revolução Portuguesa.

1. ERGUER A UNEP - TAREFA DE PRIMEIRO PLANO DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO

A/ NO ENSINO SUPERIOR

Como traços essenciais característicos do movimento unitário estudantil podem assinalar-se, tomando o conjunto das três Academias que o MA e as suas formas de organização mais provadas e estáveis, as AAEE, constituem o que de mais sólido existe de organização unitária da juventude estudantil universitária. Apesar de graves debilidades que subsistem na organização do trabalho associativo de numerosas escolas superiores, a situação nos últimos meses caracteriza-se: por um lado, pelo reganhar de uma estabilidade das principais estruturas associativas num conjunto vasto de AAEE do País, afirmando-se, progressivamente os métodos: de discussão e decisão amplamente democráticas. Esta situação está intimamente ligada à derrota e isolamento dos grupos provocatórios e caceteiros neo-fascistas MRPP e AOC,

- pelo fortalecimento da actividade associativa em torno das seguintes direcções: prestação de serviços; acção recreativa; desportiva e cultural,
- por uma larga e decisiva influencia das forças democráticas e progressistas na grande maioria das estruturas de direcção das AAEE do ensino superior, apesar de a direita reaccionária ter feito e continuar a fazer um grande esforço de conquista de posições nestas estruturas conseguindo alguns exitos localizados mas significativos a nível da Academia Porto.

Estes factores, associados ao reagrupamento de forças sociais e políticas que nos últimos meses da revolução democrática se tem operado traduzido na definição do campo das forças do fascismo e da reacção por um lado, e do campo das forças da democracia do progresso social por outro e cujas repercussões, na Universidade, começam a ser sensíveis, cria uma situação nova no Movimento Estudantil português após o 25 de Abril: um elevado numero de Associações de Estudantes, e as Organizações políticas estudantis mais influentes - designadamente a UEC e a JS - pronunciam-se favoravelmente e mostram-se interessadas na rápida constituição de uma União Nacional dos Estudantes Portugueses, com objectivos, formas de organização e processo de constituição a definir pelo próprio Movimento Associativo.

A constituição da UNEP é de há muito uma necessidade do Movimento Associativo. O que trazo verificado nesta frente de trabalho tem diminuído gravemente a participação estudantil no processo revolucionário. Só o divisionismo, e o sectarismo e o anti-comunismo impediram que este importante projecto do Movimento Associativo fosse já hoje, uma realidade viva e actante na vida nacional.

A UEC reafirma, uma vez mais, o seu apoio ao trabalho para a constituição duma União Nacional dos Estudantes Portugueses, profundamente democrática e interveniente, enraizada nas massas estudantis e expressão da sua vontade

A UEC defende que deve ser o próprio Movimento Associativo, entendido na sua expressão mais lata (desde as BGA's de escola, às direcções das AL's eleitas passando por outras estruturas de associativismo estudantil democraticamente constituídas e eleitas) a definir

os objectivos, os métodos de constituição e as forças ^{de} organização da UNEP. Entretanto a prática do MA, a correlação de forças no Movimento Associativo e a própria legalidade constitucional a que todos os portugueses estão obrigados apontam para uma UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES PORTUGUESES empenhada?

a/ Na luta pelas defesas das transformações democráticas já efectuadas na sociedade e na economia portuguesa e pela concretização dos grandes objectivos políticos do nosso Povo, expressos na Constituição da República Portuguesa.

b/ Ver texto da pag. 17 da 2ª Declaração da UEG, alíneas b/, c/, d/, e/; 2ª, 3ª, 4ª e 5ª pontos..

A UEG apela a todos os seus militantes e simpatizantes e aos estudantes portugueses para se lançarem decididamente à acção, para fortalecerem a organização associativa e o trabalho de massas, a todos os níveis e em todas as estruturas do MA.

A UEG confia que todos os estudantes comunistas saberão dar o melhor da sua capacidade de organização, dedicação e esforço para em conjunto com os outros estudantes portugueses, para darem rapidamente vida à UNEP:

B/ NO ENSINO SECUNDÁRIO

O traço fundamental do movimento unitário estudantil, no ensino secundário, é o facto de, fundamentalmente após o 25 de Abril, existir uma certa experiência de trabalho de massas, quer na frente reivindicativa pedagógica, quer na actividade recreativa, cultural e desportiva; a esta actividade e experiência correspondem até agora numa ampla movimentação estudantil ^{mas} não a solidificação da estruturas unitárias com um mínimo de estabilidade e operatividade. Ao contrário teria revelado predominantes formas de organização conjunturais (comissões de luta etc.) criadas para objectivos concretos e imediatos, assumindo nalguns sítios formas de coordenação temporária, mas com tendência para desaparecerem com os próprios problemas que as geraram.

Dentro deste quadro geral são, no entanto, de assinalar a eleição de numerosas direcções impassivadas de estudantes cujas actividades, na maior parte dos casos é nula, mas que não deixam de constituir importantes instrumentos políticos nas mãos da direita reaccionária, que nelas detem posições maioritárias, fenómeno entre outros que reflete uma inquietante actividade e por vezes influencia de grupos fascistas.

De própria vida, dos próprios pro lemas e aspirações da juventude estudantil, no secundário, ressaltam as linhas fundamentais de actividade do Movimento Associativo:

a/ defesa e imposição das liberdades democráticas nomeadamente a liberdade de reunião e informação. Esta luta é, neste sector, conduzida contra os grupos fascistas organizados nos partidos de direita (PPD, CDS, PDC, AOC, MRFP) por vezes também contra a actuação limitativa do campo das liberdades realizado por certos C. de Gestão onde o peso de reaccionários é decisiva deve exigir-se que o governo, as autoridades escolares criem medidas para fazer respeitar a ordem democrática, combater os fenómenos neo-fascistas existentes em escolas do secundário.

b/ formação duma consciencia democrática na juventude estudantil, dando particular realce ao combate e à denuncia de fascismo, do imperialismo e do colonialismo, de todas as formas de exploração e opressão. Nesta formação deverá ter um importante papel o estudo da Constituição da República Portuguesa.

c/ combate e denuncia da droga, prostituição e pornografia como armas anti-juvenis utilizadas pelas forças reaccionárias particularmente dirigidas para os jovens do secundário, com vista a promover a sua corrupção e alienação da vida social, e de exigir das autoridades governamentais com firme combate a estas actividades.

d/ criação dum amplo movimento recreativo, desportivo e cultural, utilizando formas variadas esquemas preconcebidos formalistas dentro da preocupação central de ocupar os tempos livres da juventude do secundário

Em torno destas direcções, encontrando em relação a cada uma delas

2. É NECESSÁRIO APLICAR A REFORMA GERAL E DEMOCRÁTICA DO ENSINO

A situação no ensino, após o 25 de Abril é caracterizada por dois traços fundamentais - o primeiro é o alcançar de algumas conquistas e transformações importantes no ensino e na vida das escolas nomeadamente a liberdade, a gestão democrática, as modificações num sentido progressista da constituição das matérias em vários graus de ensino e curso; a criação do ensino unificado e a elevação de alguns cursos na Universidade.

- o segundo é a incapacidade política revelada, até aqui, pelo poder democrático para alcançar decididamente a crise herdada do fascismo, realizando uma política global de profundas transformações na instrução e cultura e mesmo aplicando algumas das medidas positivas já definidas.

Nos últimos meses tem-se agravado a crise do sistema do ensino, principalmente secundário. Os aspectos mais característicos deste agrupamento são:

- não funcionamento ou funcionamento muito incompleto de numerosos liceus e escolas técnicas, em especial no recém-criado 1º ano unificado. Esta situação gerou uma enorme degradação escolar no presente ano, em todo o secundário.
- tentativas (associadas à viragem direita que se operou no poder político após o 25 de Nov.) para reverter e liquidar algumas das conquistas e transformações, com um sentido revolucionário, realizado no ensino. Assim por exemplo, as tentativas para reduzir drasticamente os orçamentos para a universidade, os esforços para por em causa o 1º ano unificado e os programas de certas disciplinas do ensino primário e secundário, os ensaios para a reintegração dos professores e funcionários fascistas saneados após o 25 de Abril de que, o caso Veiga Simão é o mais claramente chocante, ao mesmo tempo que (em especial no secundário) se procura por em causa a gestão democrática, definição por parte do SEES de objectivos selectivos para a frequência da Universidade, procuram por um lado desinstitucionalizar os "numerus clausus" e por outro recusando ou protelando soluções revolucionárias alternativas que, sem apertarem mais o crivo dos que frequentam a Universidade, definem saídas para os gravíssimos problemas de superlotação que a exiguidade e baixo número de instalações universitárias cria.

Esta crise no ensino, coloca na ordem do dia a necessidade duma política para a instrução e a cultura que transforme este quadro, criando um sistema de ensino apto a formar os quadros intelectuais e técnicos, dedicados à Revolução e aos seus exitos, capazes de impulsionar a nova economia rumo ao socialismo, nascida das Nacionalizações, da Reforma Agrária e do controlo operário de produção.

Esta política que a UEC designa por Reforma Geral e Democrática do Ensino, exige que a composição e a política dos órgãos de poder (designadamente o governo) sejam de esquerda e traduzam a maioria numérica PC-PS já existente na A. R.

Por um lado esta política e a sua realização tem de ser impulsionada pelos estudantes e o seu movimento

Como medidas imediatas de tal política:

- A UEC luta pela Reforma Geral e Democrática do Ensino, para que o acesso à educação seja amplamente facilitada aos filhos dos trabalhadores
- A UEC luta pela extinção do analfabetismo e do obscurantismo em Portugal que defende o alargamento da escolaridade obrigatória, que reclama uma melhor formação dos professores, o incremento das construções escolares e o adequado apetrechamento dos estabelecimentos de ensino.
- A UEC luta firmemente contra todas as formas de degradação escolar e reclama medidas enérgicas que ponham cobro à actual deterioração no ensino secundário.
- A UEC defende o desenvolvimento da cultura nacional, a promoção da investigação científica e da técnica, a liberdade de criação artística, o incentivo à literatura, às artes plásticas, à música ao teatro e ao cinema.
- A UEC defende o apoio às organizações populares que promovem acções culturais, artísticas e desportivas de massas.
- A UEC opõe-se firmemente a falsas soluções para os graves problemas do ensino nomeadamente a quaisquer limitações ao acesso à Universidade feita através dos "numerus clausus" ou de outros métodos mais subtis e refinados.
- A UEC apela a todos os estudantes para defenderem firmemente todas as transformações progressistas já efectuadas: o ensino unificado, os programas progressistas no ensino se-

3.

Uma outra direcção, do trabalho de massas, tem caracterizado e vai continuar a caracterizar a actividade da UEC. Trata-se de organizar a iniciativa da juventude estudantil no campo desportivo, cultural, de convívio e mobilização para o conjunto de tarefas a que os estudantes podem dar um contributo importante. Desta forma se dará um combate com êxito aos esforços do imperialismo para divorciar da Revolução a juventude estudantil. Desta forma se fortalecerão os sentimentos progressistas dos estudantes portugueses e poderão extrair todos os frutos da sua grande disponibilidade de luta e de trabalho. Esta parte de trabalho tem aliás tido recentemente um grande desenvolvimento, multiplicando-se por todo o País as iniciativas nesses variados domínios, cujos frutos se começam a sentir. De destacar ainda a colaboração conjunta entre a UEC e a UJC na preparação de muitas dessas iniciativas e que é um grande factor de aproximação entre a juventude estudantil e a juventude trabalhadora.

Assim, a UEC prepara activamente o lançamento duma campanha de alfabetização a ser realizada nas próximas férias. Aproveitaremos o ensinamento da experiência piloto realizada em 1974 com este duplo objectivo: - demonstrar por um lado que é possível vencer a barreira do analfabetismo e do obscurantismo se forem adoptadas medidas revolucionárias, podendo os estudantes portugueses desempenhar um importante papel nessa batalha; - por outro lado queremos fazer a denúncia das forças e dos partidos que dentro e fora do aparelho de estado vêm sabotando e obstruindo a resolução desses problemas.

Temos consciência do complexo conjunto de tarefas que desde já nos coloca este projecto tanto no plano da sua organização e planificação como, mais tarde, a sua realização prática. Necessitamos dum grande apoio de toda a juventude progressista.

Não temos ilusões por outro lado de que as campanhas que vamos realizar sejam a resolução, a nível nacional, do analfabetismo. Os seus intentos, do ponto de vista prático são, como é óbvio mais limitados e localizados. Todavia esta iniciativa é o apontar do caminho, uma vez mais, de como se pode vencer o analfabetismo e é uma exigência de que sejam adoptadas medidas governamentais para a resolução nacional desse problema.

A preparação dos alfabetizadores, a demonstração prática da eficácia de métodos de alfabetização inovados mas já com provas dadas, a organização dum vasto conjunto de iniciativas de dinamização cultural integradas nessa campanha bem como de assistência sanitária, o apoio ao trabalho das populações, serão alguns aspectos das tarefas que propomos a todos os estudantes. São tarefas revolucionárias, tarefas de vanguarda.

E são-no também sobre um outro ponto de vista. Trata-se de fazer pulsar a Universidade e as escolas com toda a vida social, de ligar o estudo e as actividades escolares com a vida do nosso povo, de associar a vida escolar de todos os estudantes com o esforço colectivo da construção duma sociedade mais justa.

É necessário acabar com o gueto Universitário e pôr todas as suas disponibilidades ao serviço da Revolução. Trata-se por outro lado de construir uma nova pedagogia que associa o estudo ao trabalho e à vida fora das escolas. É evidente que este processo tem que acompanhar necessariamente um outro que é a alteração da composição social da Universidade, a destruição das suas características classistas, a entrada dos filhos dos trabalhadores para as escolas.

Ao anunciar desde já a preparação e realização da campanha de alfabetização, a UEC apela a todos os estudantes progressistas, a todas as organizações progressistas, da juventude estudantil para que se associem a esta iniciativa. Ela não teria o mesmo sentido se ficasse restringida à acção dos estudantes comunistas ou se houvesse qualquer limitação à participação de estudantes com outra formação ideológica e outra opinião política. Esta é uma tarefa para os comunistas e para todos os que querem defender, consolidar, e fazer avançar a Revolução.

Ultimar a oficialização da UEC é uma exigência que naturalmente acompanha a rápida institucionalização do novo estado democrático e a entrada em vigor da nova Constituição da República Portuguesa. É com esse objectivo que reafirmamos alguns dos princípios básicos que regem a UEC bem como as perspectivas do seu desenvolvimento.

A UEC é uma associação de natureza política onde se podem filiar todos os estudantes. Não se estabelece qualquer discriminação senão a mesma que afasta do convívio democrático da grande massa de estudantes, os fascistas e os que querem um futuro de exploração e de opressão para o nosso povo.

A UEC é a opção natural para todos os estudantes que querem contribuir para o avanço do processo revolucionário rumo ao socialismo. Para todos os que procuram o pleno desenvolvimento das suas capacidades de trabalho, de luta e a sua realização pessoal no quadro das actividades próprias da juventude e na continuação de um futuro melhor. É na base destas ideias que a UEC se deve cada vez mais transformar numa grande organização de massas tanto pelo número dos seus militantes como pelas características da sua acção.

A UEC rege-se pelos princípios leninistas do centralismo democrático que associam uma

uma linha política coesa e unida a uma grande iniciativa de todos os seus membros, e que possibilitam a prática fecunda dum amplo trabalho colectivo na planificação e concretização de todas as suas actividades,

A UEC é uma organização autónoma que reconhece o papel dirigente do proletariado na Revolução Democrática, Nacional e na Revolução Socialista e o Partido Comunista Português como vanguarda revolucionária do proletariado e força política determinante no movimento popular e democrático. Como organização autónoma a UEC decide sobre todas as questões ligadas à linha política e à vida da organização, nomeadamente a resolução dos seus problemas financeiros que merecem uma atenção e um esforço permanente. As receitas da UEC provêm da quotização dos seus membros, das suas iniciativas para aquisição de fundos e das dadas dos seus simpatizantes e militantes.

O organismo base da UEC é a célula, ao mesmo tempo o seu alicerce e o ponto fundamental da sua ligação com as massas da juventude estudantil.

A Comissão Central é o órgão de direcção da UEC, eleito no Congresso e tem por missão aplicar as decisões deste, dirigir a Organização em todos os seus aspectos, administrar os seus fundos e aprovar as suas contas.

O Órgão Supremo da UEC é o Congresso a quem compete aprovar o programa e os estatutos da UEC, definir a sua política e traçar a sua orientação bem como deliberar sobre a sua dissolução, fusão e cisão.

